

REVISTA BATISTA PIONEIRA

BÍBLIA ▪ TEOLOGIA ▪ PRÁTICA

ONLINE ISSN 2316-686X - IMPRESSO ISSN 2316-462X

Vol. 6 ▪ n. 2 ▪ Dezembro | 2017

AFINIDADES ENTRE A HERMENÊUTICA DA “NEGATIVA HISTÓRICA” DE BULTMANN E A DOCTRINA DOCÉTICA

Kinship between Bultmann's hermeneutic and Docetic's Doctrine

Me. Luiz Tarquinio¹

Dr. Antônio Renato Gusso²

RESUMO

Este artigo apresenta uma pesquisa a respeito da possível relação das doutrinas docéticas dos primeiros séculos da era cristã e a chamada hermenêutica da negativa histórica, a qual tem como representante de destaque o teólogo Rudolf Bultmann. O assunto é apresentado em três pontos principais: 1) uma descrição básica da hermenêutica da não historicidade dos relatos dos Evangelhos, utilizada por Bultmann; 2) a apresentação de alguns pontos a respeito do docetismo dos primeiros séculos; e 3) uma tentativa de demonstrar as relações entre o docetismo e a hermenêutica da não

¹Contabilista, licenciando em Filosofia pela Faculdade Claretiana do Paraná, bacharel em Direito pela Universidade Cândido Mendes/RJ, bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Nordeste, mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná, doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Articulista do jornal Diário do Sudoeste. Pastor Batista. E-mail: luizafelizola@hotmail.com

²Mestre e doutor em Ciências da Religião; mestre, doutor e pós-doutor em Teologia; Pró-Reitor de Pós-graduação stricto sensu das Faculdades Batista do Paraná. E-mail: renatogusso@hotmail.com

historicidade. Feito isto, os autores concluem que existem pontos de ligação que apontam para a influência docética na hermenêutica da negativa histórica.

Palavras-chaves: Hermenêutica. Evangelhos. Negativa histórica. Bultmann. Docetismo.

ABSTRACT

This scientific article works out the possibility of relationship between the docetic's doctrine grounded at the first century and what is called the negative historical doctrine hold by theologian Rudolf Bultmann. The issue is divided into three subject: 1) a basic portrait of the Bultmann's hermeneutics; 2) a designation of some points concerning docetism; 3) a attempt to show the relation among both doctrines. Done that, the authors concluded that exists some connection points.

Keywords: Hermeneutics. Gospels. Historical denning. Bultmann. Docetism.

INTRODUÇÃO

No presente estudo foram utilizados materiais bibliográficos selecionados qualitativamente, a fim de viabilizar a pesquisa e dar-lhe o devido vigor científico. Fez-se o manuseio de artigos publicados em revistas científicas e livros de autores que trabalham o respectivo tema direta ou tangencialmente. O artigo em evidência visa a oferecer um relato sucinto acerca da relação existente entre a doutrina gnóstica docética, divulgada nos primeiros séculos da Igreja, e os princípios hermenêuticos divulgados por Rudolf Bultmann, que negam historicidade aos eventos narrados nos Evangelhos.

Muitas pesquisas já foram realizadas na tentativa de reconstruir o cenário *ex facto* das narrativas evangélicas, pretendendo desvincular os eventos consignados nas respectivas coleções da materialidade dos acontecimentos assinalados, ou seja, separando-se o fato histórico daquilo que fora tão somente fruto de uma pregação cristã proselitista, cujo objetivo seria mormente a divulgação panfletária de um Cristo ideal, não histórico, manufaturado em bases literárias produzidas *vaticinia ex evento*.

Partindo do princípio aceito pelo próprio Bultmann, que defendeu que uma

interpretação está sempre orientada por determinado enfoque,³ ou, como ele dizia, por um rumo, neste artigo, almeja-se cotejar as chaves hermenêuticas desistorizantes mormente indicadas por este teólogo com a doutrina dos docetas, demonstrando suas linhas de semelhança e pontos comuns, no afã de visualizar a possibilidade de uma intimidade entre as cosmovisões praticadas. Bultmann foi considerado um dos teólogos modernos de destaque, tendo traçado o ritmo da teologia cristã do século XX. Portanto, torna-se importante averiguar, ainda que de forma breve, os temas nos quais ele se debruçou. Ao final do estudo, deseja-se verificar algumas das linhas de interseções existentes e o solo comum entre as escolas em análise. Tentou-se encontrar lugar para uma possível identidade entre a hermenêutica bultmanniana e o movimento gnóstico conhecido como docetismo, analisando conceitos e definições conexos a ambos. Por fim, concluiu-se pela possibilidade de interseções importantes entre as escolas enfocadas. É o que se verá, resumidamente, no presente estudo.

1. HERMENÊUTICA DA NÃO HISTORICIDADE DOS RELATOS EVANGÉLICOS DE BULTMANN.

Etimologicamente, o vocábulo “hermenêutica” advém, com rica probabilidade, da divindade grega chamada Hermes, bastante conhecida na mitologia ática. No panteão romano esta mesma divindade ficou conhecida pelo nome de Mercúrio. Como as palavras do ente supremo eram indiscerníveis aos humanos, o deus mensageiro fazia-se necessário a fim de ensejar compreensibilidade aos discursos. “É significativo que Hermes se associou a uma função de transmutação – transformar tudo aquilo que ultrapassa a compreensão humana em algo que essa inteligência consiga compreender”.⁴ Hermes humanizava os oráculos dos céus, transformando em voz humana o sopro divino. A mente celestial é decodificada pelo mensageiro, como uma ponte linguística a ligar o Olimpo aos vales habitados pelos seres humanos.

A hermenêutica é material seminal da teologia, sem a qual o pensar teológico fracassará. Geffré arrisca-se a afirmar que a teologia é empreendimento hermenêutico por essência.⁵ Desprezar a hermenêutica é mitigar a acuidade

³ BULTMANN, In: ALTMANN, 2001, p. 291.

⁴ PALMER, 1969, p. 24

⁵ GEFFRÉ, 1989, p. 18.

teológica, alijando-a à orfandade e ao descompromisso. Para Geffré, a marginalização da hermenêutica do compromisso teológico o torna impossível.⁶ Isto é, à revelia da construção de um sólido piso hermenêutico, a teologia corre o risco de tornar-se rarefeita. Desconstruída a hermenêutica, apaga-se o cristianismo ou o torna disfuncional, daí a sua relevância.

A partir da *aufklärung*⁷ houve uma ruptura de paradigmas importantes na história. A mais importante foi a exaltação da razão humana em detrimento de outras expressões de conhecimento. Augusto Comte asseverava que o conhecimento humano passou por três estágios: o teológico, o metafísico e o positivo ou científico.⁸ Para Comte, aquilo que não podia penetrar na peneira da *humana ratio* deveria ser expurgado da epistemologia moderna. Uma conhecida frase de Immanuel Kant tenta definir o Século das Luzes: “O iluminismo é a saída do homem de sua menoridade”.⁹ Segundo Kant, o iluminismo é a libertação do homem de sua incapacidade de se servir da inteligência sem a guia de outrem. O lema do iluminismo poderia ser resumido: ter a coragem de se servir da própria razão.¹⁰

A partir do iluminismo, seguindo suas pisaduras, a leitura das Escrituras rompeu com modelos tradicionais, passando a fazer uso de pressupostos próprios da época. Desta forma, tentou-se conciliar as Escrituras Sagradas com a visão racionalista daquela geração, donde surgiram escolas hermenêuticas que lutaram por decodificar para as mentes modernas situações consideradas “constrangedoras” encontradas nos livros canônicos. “O conceito de que Deus se revela ao homem e de que intervém e atua sobrenaturalmente na História humana foi excluído *a priori*”.¹¹

A solução encontrada para aqueles que não desejavam permanecer à margem do seu tempo foi ingressar *in totum* no seu emaranhado de premissa, embarcado em suas próprias razões.

Os milagres e eventos sobrenaturais encontrados nas narrativas bíblicas foram desacreditados pelos seguidores desta linha hermenêutica como sendo fruto de uma narrativa ideologizada, desejosa de fomentar a fé dos leitores. As

⁶ GEFFRÉ, 1989, p. 18.

⁷ Movimento filosófico setecentista, de caráter racionalista e científicista, também chamado de Iluminismo.

⁸ *Apud* COTRIM, 2002, p. 189.

⁹ *Apud* COTRIM, 2002, p. 174.

¹⁰ KANT *apud* COTRIM, 2002, p. 181.

¹¹ NICODEMOS, 2013, p. 184.

teorias interpretativas das Escrituras foram, portanto, vacinadas contra aquilo que foi compreendido como supostas superstições. Assim, começou a existir a separação do conteúdo bíblico. Os fatos que não passavam pelo crivo da razão foram considerados relatos de fé e não históricos. De acordo com Bauer:

Jesus tinha que realizar esses milagres, esses milagres espantosos, pois de acordo com o que os evangelhos apresentam, ele é o Messias. Portanto, ele precisa realizá-los para provar que é o Messias... Mas ele só começou a fazer milagres quando, na fé da igreja primitiva, ele ressurgiu dos mortos como Messias. Os fatos que ele ressurgiu dos mortos como Messias e que fez milagres são um único e mesmo fato.¹²

Para esse escritor, os milagres são produto de uma visão ideológica e proselitista, desejosa de cumprir fins específicos ao relatar um dado acontecimento, muito mais do que um enredo histórico fielmente relatado acerca da vida de Jesus. Ou seja, para os partidários desta escola, não houve materialidade em relação a diversos eventos narrados nos Evangelhos, mas tão somente notícias não históricas com o fim específico de simbolizar uma crença e persuadir novos simpatizantes para a fé cristã.

Um dos divulgadores de destaque da teologia iluminada foi Rudolf Bultmann, considerado por muitos um dos maiores eruditos de seu tempo. Bultmann demonstrava grande interesse na filosofia existencialista, mormente heiddegeriana, trazendo boa parte de sua cosmovisão filosófica para o exercício exegético. Para Bultmann, o importante era o impacto existencial entre o texto bíblico e seu respectivo leitor, muito mais do que a realidade histórica dos eventos encontrados nas narrativas evangélicas. A palavra anunciada não é vista como uma verdade no sentido comumente empregado, nem tampouco um atestado histórico que recordaria feitos passados. É por natureza uma interpelação que alcança os indivíduos e os coloca ante a necessidade de tomar uma decisão existencial.¹³

“Ele propõe que Deus ainda fala por meio das Escrituras, não mediante a comunicação de verdades históricas ou proposicionais, mas por meio de um encontro existencial no texto”.¹⁴ Ou, como o próprio Bultmann afirma, em “Jesus and the Word”: “A comunidade cristã estava convencida de que Jesus

¹² BAUER *apud* NICODEMOS, 2013, p. 208.

¹³ BULTMANN, 1981, p. 366.

¹⁴ NICODEMOS, 2013, p. 208.

havia realizado milagres, e contou muitas histórias de milagres sobre ele. A maioria das histórias sobre milagres que estão nos evangelhos são lendas, ou pelo menos estão revestidas de caráter lendário”.¹⁵ Destarte, por meio de um método que recebera o nome de “demitização” o exegeta deve encontrar, por meio da análise da forma e das fontes dos Evangelhos, o conteúdo existencial da mensagem, decodificado para as mentes modernas que não creem em misticismos e sobrenaturalidades. O que Bultmann sugere é que a linguagem da comunidade redatora dos Evangelhos não deve ser interpretada sem se proceder a uma purificação de significados, à revelia da cosmovisão dos escritores, cujos padrões mentais estavam associados ao que Bultmann considerava mitos e lendas, e, por causa deste fator, repercutiu as respectivas crenças, reverberando simbolicamente o presente fundamentando-se no passado. Isto é, por meio da mitologia, os escritores sagrados relataram o irrelatável, afirmaram em linguagem simbólica aquilo em que acreditavam, sem qualquer compromisso com sua ocorrência histórica. Bultmann afirma que o Jesus que aparece, por exemplo, no Evangelho de Mateus não deveria ser compreendido como uma figura da história humana.¹⁶ A tarefa, portanto, do exegeta seria purificar os escritos dos seus mitos e lendas. Bultmann designou como lenda os fragmentos narrativos da tradição que não possuem caráter histórico, mas religioso e edificante.¹⁷

Em outras palavras, a essência dos eventos não corresponde à materialidade, a forma não tem relação com o conteúdo. Segundo Geisler e Nix, a doutrina demitizante afirma que “a partir do momento que a Bíblia é despida desses mitos religiosos, a pessoa encontra a verdadeira mensagem do amor sacrificial de Deus em Cristo. Para ele, não é necessário que a pessoa se prenda a uma revelação objetiva, histórica e proposicional, a fim de experimentar essa verdade pessoal e subjetiva”.¹⁸ Algumas destas premissas também eram compartilhadas por movimentos gnósticos que vingaram nos primeiros séculos da Igreja.

¹⁵ BULTMANN *apud* NICODEMOS, 2013, p. 208.

¹⁶ BULTMANN, 1981, p. 549.

¹⁷ BULTMANN, 2000, p. 303.

¹⁸ GEISLER; NIX, 2006, p. 18.

2. O Gnosticismo Doceta dos Primeiros Séculos.

O gnosticismo é multifacetado por natureza, devido a sua inerente heterogeneidade. Algumas particularidades, no entanto, aproximavam os partidários do movimento. Para os gnósticos, o corpo, bem como as demais substâncias materializadas, eram más por natureza. Acreditavam que a abertura para o divino somente poderia ser concretizada por intermédio da *gnose* (conhecimento), e que seria o pequeno séquito de iluminados que alcançaria tal objetivo, como afirma Machado:

O desenvolvimento do Cristianismo ocorreu, não só dentro do universo judaico, como também dentro do mundo grego e, de forma especial, o gnosticismo, movimento histórico, latente nos séculos II e III, nutria o entendimento de que salvação vinha pelo conhecimento. Esta tendência possuía uma atitude anticósmica e anticarnal que levava a uma visão de que o mundo visível era mau. A cristologia, neste sistema, desenvolveu-se “doceta”, “aparente”, ou seja, era uma cristologia na qual a humanidade de Cristo era apenas aparente, negando a realidade da cruz e contradizendo formalmente o mistério da encarnação.¹⁹

O docetismo era uma das faces do gnosticismo cristão, mormente atido à configuração da pessoa do Cristo, uma maneira de visualizar a figura de Jesus. Do ponto de vista gnóstico, precisamente pautado na aversão ao mundo material, a encarnação de Jesus em afinidade à humana, no que respeita a sua corporificação, não encontrava fundamentos, haja vista a nutrição da ideia dos seus deméritos específicos.

Jesus, portanto, para os docetas, era uma espécie de “fantasma que parecia ter corpo físico por meios milagrosos. Outros diziam que tinha corpo, mas que esse corpo era feito de uma ‘matéria espiritual’ distinta de nossos corpos”.²⁰

Partindo do pressuposto de que a carne está eivada de malignidade, não seria possível que Jesus se servisse dela para estar entre os homens. Como Jesus é um mensageiro do céu, e como o corpo e a matéria são gêneros essencialmente maculados, os docetas pensavam que Jesus não poderia ter um corpo como o nosso, afirmando que sua base corporal era tão somente aparente.

¹⁹ MACHADO, 2014, p. 259.

²⁰ GONZÁLEZ, 1995, p. 98.

Para os docetas, Jesus não ganha materialização no evento encarnação. Ao se emanuelizar, não o faz em carne humana biológica. A pessoa de Cristo, nesta linha doutrinária, mantém-se una com Deus; não obstante, não ingressa completamente na realidade humana por meio de uma afinidade corporal.²¹ Luchi e Perim argumentam:

Algumas facções de direita prezam tanto pela inefabilidade do Filho que chegam ao ponto de negar-Lhe tanto o ingresso à carne, como a efetividade de sua dor e de sua morte. Assim procede o Docetismo... Neste caso a realidade do criado. Ocorre, muito menos, uma anábase, que é o retorno num nível superior, ou, como cabe ao presente caso, redentório, à pátria de onde primeiramente se desterrou. O Absoluto, como é entendido no docetismo, passa pela terra como um puro espectador que percorre seu itinerário no aqui da mesma maneira alheada que Dante assumiu quando, sob a proteção e guia de Virgílio, desceu aos infernos. Esta posição que defende ser Jesus um ente incorpóreo é a mais radical dentre todas oriundas das facções de direita, de tal modo que abrangia questões como: teria Jesus um sistema digestivo, ou apenas mimetizava o ato de comer por caridade a nossa condição material?²²

Para o docetismo, pois, a realidade da encarnação não se viabilizaria, diante da visão pessimista que nutria em relação ao mundo material. O mesmo princípio era defendido por Marcião.²³

Há quem não admita relacionar a doutrina de Marcião com o docetismo, mas, no presente estudo, pincelar-se-á uma das semelhanças existentes. Marcião era filho de um conhecido líder cristão em Sínope, e divulgou seus ensinamentos na região da Itália, onde admitiu diversos prosélitos divulgadores de seu pensamento heterodoxo. Quando confrontado a deixar algumas de suas ideias dissonantes às da Igreja, criou sua própria comunidade de fiéis.²⁴ Uma das maiores semelhanças entre o docetismo clássico e a doutrina de Marcião era a visão sulfúrica que partilhavam em relação ao mundo material. “Marcião pensava que este mundo era mau, e que seu criador devia ser um deus, se não

²¹ LUCHI; PERIM, 2015, p. 273.

²² LUCHI; PERIM, 2015, p. 274.

²³ GONZÁLEZ, 1995, p. 99.

²⁴ GONZÁLEZ, 1995, p. 99.

mau, pelo menos ignorante”.²⁵ Malgrado a identidade que nutria em relação ao docetismo nesta dimensão, afastava-se dele na medida em que defendia o fato de que havia um só deus criador, que criara o mundo mau, em lugar de assentir ao pensamento gnóstico, fiel ao entendimento na existência de uma enorme diversidade de seres espirituais.²⁶

O fato que se deseja identificar é que ambas as escolas – tanto a docética clássica quanto a marcionita – adotavam um mesmo pressuposto para sua análise do cristianismo, qual seja a desconfiança relacionada ao mundo material. A partir desta lente é que manuseavam suas perspectivas ideológicas, chegando a conclusões que fugiam do entendimento ortodoxo da igreja antiga. Tais doutrinas foram consideradas tão perigosas que levaram a Igreja a elaborar um cânon formal, uma seleção de livros autorizados e reconhecidos como inspirados.

Boa parte da doutrina acredita que uma das motivações do apóstolo João para produzir seu Evangelho e Cartas tenha sido o ímpeto em defender a Igreja das doutrinas gnósticas ou, no mínimo, protognósticas. Parece que João escreveu para contestar esta visão menos acurada acerca da pessoa de Jesus. Ao abrir seu Evangelho, o Apóstolo afirma: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós...” (Jo 1.14a). Ao introduzir sua Primeira Carta, reitera: “O que era desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com os nossos próprios olhos, o que contemplamos, e as nossas mãos apalparam, com respeito ao Verbo da vida” (1Jo 1.1). E mais adiante: “Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora. Nisto reconheceis o Espírito de Deus. Todo o espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus” (1Jo 4.1-2).

Ademais, parece pacífico entre os historiadores ter sido a formulação do cânon de Marcião o maior propulsor para a elaboração da lista oficial canônica. Havia necessidade de saber quais livros deveriam ser usados para ensinar a doutrina com autoridade divina. Tornou-se, então, central uma decisão da Igreja, por causa da multiplicidade de livros heréticos que reivindicavam tal autoridade. Quando Marcião publicou uma lista muitíssimo abreviada dos livros canônicos, abarcando apenas o evangelho de Lucas e dez das cartas

²⁵ GONZÁLEZ, 1995, p. 99.

²⁶ GONZÁLEZ, 1995, p. 99.

de Paulo (com omissão de 1 e 2Timóteo e de Tito), tornou-se premente a necessidade de uma lista completa dos livros canônicos.²⁷

Desta sorte, existe uma coerente sugestão a respeito da importância que a Igreja atribuiu à doutrina da integralidade humana de Jesus unida à sua divindade, o que veio a ser designado, *a posteriori*, tecnicamente, de união hipostática, doutrina clássica que admite a natureza humana e divina de Jesus, sendo, ao mesmo tempo, Homem e Deus. Ou seja, Jesus tinha carne humana similar a qualquer outro ser humano. A materialização de sua humanidade não era mera aparência, mas realidade essencial. Não havia simbolismo em relação às narrativas do evento crístico, mas verdade holística de sua experiência humana.

3. A RELAÇÃO ENTRE DOCETISMO E A HERMENÊUTICA DA INVALIDADE HISTÓRICA.

Há algumas afinidades entre a doutrina gnóstica doceta e a hermenêutica da invalidade histórica de eventos evangélicos. A primeira delas relaciona-se ao pessimismo em relação à concretividade do evento Cristo. Ambas as hermenêuticas se apresentam céticas em relação a ela. Se de um lado o docetismo não concebe a ideia de um Cristo também totalmente humano na acepção básica do vocábulo, que tivesse assumido, *ipso facto*, a estrutura biológica concreta da humanidade, as hermenêuticas que negam a realidade histórica das narrativas evangélicas se negam a acreditar na materialidade de eventos encontrados nas Escrituras.

Os docetas negam a materialização corpórea de Jesus devido à depreciação ética do ser corporificado, ao passo que os sequazes da separação entre o fato histórico e a fé negam a materialização por não se enquadrar dentro da melhor racionalidade. Ou seja, ambos os enquadramentos ideológicos negativam a materialidade do evento evangélico integral.

O *arkhé* docético²⁸, a razão primeva para a negativa de uma encarnação plena do Verbo, assenta-se sobre princípios éticos concernentes à biologia humana. Por meio de silogismos, chegam à conclusão da inviabilidade carnal do Cristo. Ora, se o mundo material é mau, se a carne é vista de forma pessimista, e Jesus tem carne, conclui-se, portanto, que Jesus seja mau. E para

²⁷ GEISLER; NIX, 2006, p. 100.

²⁸ Princípio que regia a respectiva escola.

não encontrar tal síntese, os docetas negavam a realidade material do Cristo, passando à compreensão de uma corporificação puramente aparente, mas irreal. Neste mesmo raciocínio trilhou Bultmann. Se a razão deve ser o filtro da realidade e, portanto, também da verdade historiográfica, as contingências narrativas que se não enquadram àquela devem ser descartadas. Desta forma, os movimentos metarracionais e as *aporias* são vencidas pelo descarte quando se defrontam com o razoável. Os defensores desta hermenêutica não se contentaram em encontrar um dilema, uma *epoché husserliana*, mas avançaram sobre os muros da contenção dos juízos, despachando a conclusão da inviabilidade histórica de movimentos evangélicos.

Tanto os docetas quanto aqueles que produziram o desacontecimento do caso concreto evangélico, tornando-o apenas metafísico, regam suas doutrinas pelos pressupostos assumidos relacionados à materialidade do fato. Neste ponto, chega-se a uma outra afinidade entre as duas escolas, qual seja, a tranquilidade em dissociar os formatos dos extratos, a aparência da essência. Ora, os docetas requeriam um Cristo essencial sem investigar acerca de sua forma específica. Para eles, o que importava era o núcleo pedagógico dos ensinamentos éticos preconizados pelo Ungido, sem se deter em pormenores relacionados ao evento Cristo, homiziando as narrativas dentro do seu reduto ideológico, assenhorando-se do Senhor narrado. Assim também, caminhou a hermenêutica da invalidade histórica ao não deter atenção às narrativas, pois o que mereceria ganhar pertinência não seria a história *de per se*, mas o que esta representa para a existência humana, sem importar-se com o ensejo histórico da narração.

Conquanto o Evangelho tenha importância existencial a ponto de eternizá-la, não se reduz a ela. Os eventos concretos detêm gravidade intrínseca, não sendo meros instrumentos literários a procurar catalisar experiências místicas. Os Evangelhos fazem questão de dar importância histórica dos seus respectivos movimentos. Dois Evangelhos gastam amplas linhas dissecando a genealogia de Jesus, certamente com vistas a demonstrar a historicidade dos eventos a serem narrados. Não sendo para este fim, caberia a pergunta a respeito da motivação de incluí-las no enredo. Desta feita, as doutrinas sob análise têm em comum o pensamento de que, se a essência for preservada, a forma perde o sentido e pertinência. Esse é o pensamento. Portanto, nas bases do lecionário de ambas as escolas reside o cuidado e a atenção com o núcleo,

sem atender ao que o gerou, como quem anseia analisar a parte dispensando o todo.

A identidade existente entre ambas as doutrinas avança, outrossim, na importância dada à obtenção de conhecimento técnico para o desvelamento do divino. Ambas as escolas defendem a visão de que o conhecimento é a ponte para ensejar o encontro com Deus. O gnosticismo sempre se apresentou como uma “filosofia” de viés elitista. Nem todos estavam aptos a mergulhar nos seus conceitos e teorias, mas somente os iniciados, portadores de uma cognição específica, que envolvia signos místicos auferidos no secreto. De acordo com o colóquio de Messina, a gnose deve ser compreendida como sendo “o conhecimento dos mistérios divinos reservados a uma elite”.²⁹ Aceita-se que a gnose é um conhecimento especial fundamentado na obtenção de salvação mediante um conhecimento profundo.³⁰ Identificar o gnosticismo docético com o conhecimento é, destarte, insígnia tautológica, afirmação analítica e dispensável. Para a hermenêuticas da negativa histórica bultmanniana, principalmente, o conhecimento também se torna indispensável à aproximação religiosa, haja vista a necessidade de se purificar as narrativas evangélicas daquilo que ele considera material místico e fantasioso. Para isso, imprescindível seria o processo de análise criteriosa das fontes, das formas, da redação para, com tais informações, peneirar o enredo e encontrar a realidade. De acordo com tal concepção, não se poderia encontrar a verdade por meio de uma leitura não tecnicista das Escrituras, o que inviabilizaria a aproximação do leitor médio – destituído de conhecimentos específicos – da literatura bíblica, foro aberto unicamente aos iniciados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim deste artigo pode-se dizer que fica aqui uma contribuição para o aprofundamento do conhecimento relacionado às afinidades entre o gnosticismo docético dos primeiros séculos da era cristã e a hermenêutica que nega autoridade histórica às Escrituras. Contudo, o que foi aqui apresentado é apenas um indício a respeito de tema tão vasto. Espera-se, então, que outros pesquisadores também venham a se debruçar sobre esta matéria, aprofundando o esclarecimento a respeito deste assunto.

²⁹ COLÓQUIO DE MESSINA *apud* SCHIMITT, 2012, p. 1018.

³⁰ FERREIRA, 1973, p. 266.

Encontraram-se algumas afinidades importantes entre estas duas visões filosófico-teológicas, capazes de identificá-las como membros fraternos de uma mesma família ideológica, qual seja a de nutrição de uma visão pessimista em relação à integralização concreta dos fatos narrados nos Evangelhos. Ambos os movimentos ensinam a construção de teses que inviabilizam a realidade concreta de eventos evangélicos, além disso são afins, outrossim, no ponto de vista acerca da necessidade de uma leitura elitista das Escrituras, desprezando a possibilidade de o homem comum, destituído de conhecimentos específicos, aproximar-se das verdades acerca de Deus. Por fim, encontrou-se identidade também na visão concernente à possibilidade de se separar a essência da aparência, o ensino da história que o ensinou. Para ambas as cosmovisões, o foco não está nos detalhamentos específicos, mas no que nele reside, separando o conteúdo da mensagem de sua realização humana e histórica.

Portanto, pode-se afirmar que existem pressupostos comuns entre a hermenêutica que ensina o desacontecimento evangélico e as interpretações docéticas acerca de Jesus.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Versão revisada da tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1991.

BULTMANN, Rudolf. O problema da hermenêutica (1950). In: ALTMANN, Walter. (Org.). **Crer e compreender:** ensaios selecionados. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

BULTMANN, Rudolf. **Demitologização.** São Leopoldo: Sinodal, 1999.

BULTMANN, Rudolf. **Teologia do Novo Testamento.** São Paulo: Teológica, 2004.

GEISLER, Norman; NIX, William. **Introdução bíblica.** São Paulo: Vida, 2006.

GONZÁLES, Justo. **Uma história ilustrada do Cristianismo:** a era dos mártires, volume I. São Paulo: Vida Nova, 1995.

JANUÁRIO TOR GAL, Ferreira. **O significado do gnosticismo**: uma tentativa de interpretação filosófica. In: Repositório aberto da Universidade do porto, faculdade de letras, Porto: Universidade do Porto, 1973.

LUCHI, Pedro; PERIM, Pedro Pretti. **O Cristo e a História: uma perspectiva dialética das querelas cristológicas**. In Mirabilia: electronic journal of antiquity and middle ages, Núm. 20, 2015.

NICODEMUS, Augusto. **A Bíblia e seus intérpretes**. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

SANTANA, Maria Edinora Garcia; BARROS DE LIMA, Daniel. Fé e cristianismo: na perspectiva de Justino, o Martir. **Revista Pax Domini**, Faculdade Boas Novas, v. 2, p. 92-110, mar., 2017.

SCHIMITT, Flavio. CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo. **Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST**. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012.

SILVA MACHADO, Renato da. Verdadeiro Deus e verdadeiro homem: um estudo sobre a cristologia de Santo Inácio de Antioquia. **Revista de Cultura Teológica**, Ano XXII, N. 84, Jul/Dez 2014.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional